

*Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm  
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.  
Rua da Fábrica, 80  
PORTO

## POR NÃO DECLARAR A SUA ORIGEM HEBRAICA

E quando Moisés se tornou grande safu para junto dos seus irmãos e viu os seus trabalhos, e viu um egípcio que batia num hebreu dentre os seus irmãos... e matou o egípcio e o ocultou na areia... Faraó tendo sabido deste facto, pretendeu mandar matar Moisés, mas Moisés fugiu para o país de Madian.

E Moisés assentou-se junto dum poço no país de Madian. Ora o sacrificador de Madian tinha sete filhas que vieram tirar água, e elas encheram as pias para dar de beber ao rebanho de seu pai. Então vieram uns pastores, e expulsaram-nas dali; Moisés porém levantou-se, e defendeu-as, e abeberou-lhes o rebanho.

Êxodo, cap. II, 11-17.

Depois que livrou as filhas de Jethro das mãos dos pastores e que deu de beber aos seus rebanhos, Moisés acompanhou-as de longe até

à casa do pai delas a fim de as guardar contra novos ataques. Quando as filhas de Jethro entraram em casa delas, o seu pai, surpreendido de as ver voltar tão depressa, perguntou-lhes qual a causa disso. «Foi, disseram elas, graças a um egípcio que nos livrou das mãos de maus pastores; ele tirou água para nós e deu de beber às nossas ovelhas». Moisés ouviu e nada disse.

E Deus disse: — Porque Moisés ouviu chamarem-lhe egípcio e não interveio para declarar a sua origem hebraica, ele não entrará no país dos hebreus e os seus ossos não repousarão lá.

MIDRASH VAISHAH.

Moisés consentiu em morar em casa de Jethro, que lhe deu por mulher Sephorah, sua filha.

Êxodo, II, 21.

# A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE BERNARDIM RIBEIRO

## (O Trovador do Amor e da Saudade)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO N.º 141 — CAP. II)

### Aquelsia, a namorada alentejana

Na 1.ª edição da *Menina e Moça*, impressa em casa dos judeus Usques de Ferrara a namorada alentejana de Bernardim é designada pelo nome *Aquelsia*. Na edição de Colónia e nas seguintes foi substituído este nome pelo de Cruécia (anagrama de Lucrécia) porque julgavam que Aquelsia seria um erro tipográfico pois tal nome nada lhes dizia; a própria D. Carolina de Michaelis também não compreende a razão de tal nome. Para mim o nome Lucrécia é que nada me diz e o de Aquelsia me diz tudo. Bernardim designa a sua namorada alentejana pelo nome de Aquelsia, que é o anagrama de Selúquia, a gentil mourinha bem conhecida na tradição alentejana. Nós hoje pronunciamos Salúquia, dando-se o mesmo caso com Catarina que no tempo de Bernardim se lia Caterina e cujo anagrama era Natércia.

Dado o caso de algum dos meus leitores não conhecer a tragédia amorosa da bela Selúquia ou Salúquia, que ainda vive hoje na tradição folclórica do Alentejo, transcrevo de pessoa competente o necessário para o elucidar.

Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno* falando na vila de Moura (Alentejo), diz:— Em 1166 era esta vila uma forte praça de guerra, com um robusto castelo, bem guarnecido de tropas, e senhor dele, um mouro nobre e riquíssimo, senhor de muitas terras do Alentejo, chamado *Abu-Assan*, pai da formosa *Salúquia*, a quem ternamente amava, e lhe deu em dote o castelo de *Aruci*, que ele havia reedificado, guarnecendo-o de tropas e munições de guerra, e de todas as mais vitualhas, e em condições de resistir a um longo assédio; nomeando-lhe para alcaide um jovem mouro, chamado *Brafma* (segundo a Évora Gloriosa, Frabone) futuro noivo de Salúquia, e senhor do castelo de Arronches.

Quando Brafma vinha em marcha para a povoação, seguido duma numerosa e brilhante cavalgada, para tomar posse do castelo e da noiva, chegando a um profundo e sombrio vale a 5 quilómetros da vila, foi inopinadamente acometido por um troço de cavaleiros cristãos, não escapando um só dos mouros.

Os chefes e planeadores desta surpresa foram dois cavaleiros portugueses, irmãos, chamados Pedro Rodrigues e Álvaro Rodrigues. Mortos todos os mouros, trataram os portugueses de os despir, vestindo-se com os seus vestidos e armando-se com as suas armas; e assim disfarçados, se dirigiram ao castelo de Moura, entoando cânticos e dando gritos, ao uso mourisco.

Vendo Salúquia aproximar-se a cavalgata, que entendeu ser a tão ardentemente desejada, com o riso nos lábios e a alegria no coração, mandou levantar a ponte levadiça, e abrir de par em par as portas do castelo, para receber o jovem alcaide.

Poucos momentos lhe durou a ilusão e o prazer, pois em breve os brados de alegria se converteram em gritos de carnagem, e logo em aclamações de vitória, obtida pelos portugueses, ao arriarem da cidadela o pavilhão do crescente, e içarem o das quinas. Salúquia, preferindo a morte a ser escrava de cristãos se precipitou do alto da torre, morrendo despedaçada.

Em memória deste sucesso se deu à povoação o nome de Vila da Moura, e por armas uma torre, e à entrada dela uma mulher morta."

No capítulo XII Bernardim diz que depois de ter saído do Paço da Ribeira, impressionado pela figura de Aonia... "para pensar mais à vontade, mandou o seu escudeiro, arredado dali, que desse de comer ao seu cavalo na ribeira daquele rio, porque logo se temeu de ele o ver assim, e cair em alguma suspeita que fosse contar a Aquelsia, porque todos os seus lhe eram

muito afeiçoados; e como ela quisesse a ele muito grande bem, eles não se podiam ter que lho não mostrassem todo em as obras; donde nascia irem-lhe eles a dizer e contar tudo o que ele passava.

« Assim o que ele fazia por bem lhe safa às vezes mal; que para tamanho bem lhe ela queria que não podia deixar de ouvir, pelo tempo, coisas que a não magoassem; nem também ele, não as podia deixar de fazer, pelo pouco que lhe queria. Como, de feito, assim, por derradeiro, lhe foi isto causa, a ela de triste fim.

« E quando se lembrava do que a Aquelísia devia, parecia-lhe sem-razão deixá-la; por outra parte, lembrando-se de quão bem lhe parecera Aonia, parecia-lhe desamor não lhe querer bem.

« Tinham-no assim, entre ambas formosura e obrigação, a ver quem o levaria; mas por derradeiro, pode mais a de mais perto.

No capítulo XIII continua:

« Era Aquelísia uma de duas filhas a quem sua mãe mais que a si queria, e de boa formosura; mas obrigou tanto este cavalleiro, com coisas que fez por ele, que o endividou todo nas obras. Não lhe deixou nada, tão só para que lhe devesse a formosura. Parece que lhe quis tamanho bem, que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assim, mas não o namorou.

« E não foram vãos os rogos que Aquelísia fez, com as mãos erguidas ao Céu, pedindo dele vingança.

« Contudo, assentou ele, por derradeiro, de a deixar; porque, além de lhe parecer a senhora Aonia a mais formosa coisa que vira, pareceu-lhe também que mais depressa haveria seu amor.

« ... Que já não cuidava senão de ver como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que, depois de apartado, lhe não causasse suspeita alguma daquele lugar, para ele mais à vontade gozar dele.

« Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia ele que havia de sofrer mal o ver-lhe deixar Aquelísia; porque era da triação dela, que lho dera para o acompanhar, e nunca outra coisa ele lhe dizia senão que a havia de tomar em matrimónio, — porque era de alto sangue, e herdava terras onde ele podia repousar os derradeiros dias da vida...

« Mas, enfim, cuidando o que determinou, o chamou, e fazendo-lhe um discurso largo, entre outras coisas, lhe disse que lhe não parecia bem ser ele mesmo que levasse à senhora Aquelísia a nova da aventura que não achara, vindo por amor dela; ... Que, para ela, não podia ele ir em companhia de novas tristes; e que o esperaria no castelo, que perto dali estava, até tornar a trazer-lhe recado... »

No capítulo seguinte diz Bernardim:

« Partindo o escudeiro com o recado (enganado ele, e para quem o levava) ficou o cavalleiro só, e começou a entrar em pensamentos de que maneira mudaria o nome... pensou em trocar as letras do seu nome.

— Bim n'arder.

« ... quis-se chamar assim dali avante. »

No capítulo XV Bimnarder (anagrama de Bernardim) soube que Lamentor (D. Manuel) tinha ordenado fazer ali grandes obras para ampliar os Paços da Ribeira. Nessa noite tem uma visão (que julgo ser de seu pai).

A morte do cavalo — o maioral do gado

No capítulo XVI diz Bernardim que começou de ouvir um estrondo grande que vinha pelo mato para onde ele estava. E, inda bem o não ouvia, quando, correndo por ante si, viu passar o seu cavalo, e uns lobos após ele, ... E ao saltar deste ribeiro caíu nele o cavalo. E, chegando os lobos, começaram a mordê-lo por todas as partes, de maneira que, conquanto prestamente Bimnarder acudiu, já ele era morto.

« E não tardou nada que uns pastores, que perto dali tinham a malhada do seu gado, ... e, achando Bimnarder assim agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rústicos, oferecendo-lhe pousada por aquela noite.

« Aceitou ele... »

Esta morte do cavalo de Bernardim supponho eu referir-se à morte do seu escudeiro de quem não mais fala no seu livro.

Camilo Castelo Branco, nas suas *Noites de insónias*, diz: « Se o mataram (Bernardim Ribeiro) na rua Nova os moços de monte d'El-Rei (D. Manuel), como dizem as Memórias inéditas de Diogo de Paiva de Andrade... »

Esta rua Nova dos Mercadores era próxima dos Paços da Ribeira, onde em 1504, gente do povo e rapazio apupam e apedregam alguns judeus conversos. Os arrua-ceiros foram condenados a açoites e degredo para S. Tomé.

Diogo de Paiva de Andrade viveu nos fins do século XVI e princípios do século XVII, e quis ser cronista oficial, o que não conseguiu. Imprimiu o 1.º volume da sua obra *Exame de Antiguidades* em Lisboa no ano de 1616. Talvez a notícia da morte do escudeiro de Bernardim chegasse até ele deturpada pela tradição.

Continuemos a ler o que diz Bernardim:

«Foram assim ao fato de uma grande manada de vacas (que todas estavam levantadas, com o alvoroço dos cães e medo dos lobos) metendo-se os pastores e Bimnarder por entre elas, que lhe iam fazendo lugar,...

«E, assim, saindo dentre elas estava uma fogueira grande...

«E junto desta, ao fogo, jazia deitado, ... um pastor já de todo branco, que maioral era do fato;...

«E, em pastores chegando, ergueu ele a cabeça um pouco, e, como homem que era avisado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar pelo que se passava. Contando-lhe eles que não era nenhuma rês morta, também lhe contaram do cavaleiro que traziam.

«Ergueu-se ele então assentado, e fazendo-lhe lugar na rama da sua cama, lhe rogou que se fosse assentar. E assentado Bimnarder, e assentados todos derredor daquela fogueira, pediu o velho maioral a Bimnarder que lhe contasse como aquele desastre acontecera.

«Contou-lho ele, brevemente, por lhe satisfazer: como andando o seu cavalo pastando vieram aqueles lobos, e mataram-lho, primeiro que lhe pudesse valer.

«Ao que, começou com uma fala retumbada a falar o pastor... dizendo:

«Os desastres que acontecem com os animais ferozes neste vale, é coisa espantosa...

«Numa noite de inverno escura, sendo eu mais novo que agora, diante dos meus olhos me tomaram a minha vaca bragada (mãe destoutras bragadas, que tenho inda agora) e mataram-na.

«E já aqui, onde agora estou, me vie-

ram no claro dia matar quantos bezerrinhos tinha, que inda não eram para andarem com as mães.»

Aqui o maioral do gado, isto é, o maioral dos cristãos-novos, o físico Mestre Fernando, refere-se à matança dos cristãos-novos em Lisboa em 19 de Abril de 1506 e dias seguintes, onde perdeu alguns membros da família.

— «E porque estás então aqui, pastor honrado? — lhe disse Bimnarder.

«...A terra é abastada de pastos; e, assim como cria o bom, cria o mau. Já ouvi dizer a um grande homem, que era dado às coisas do outro mundo, falando na povoação desta terra (que, ainda que a vedes assim, por partes, metida a mato, é de pastores, em muita maneira, povoada)... (isto é, parece sem judeus, mas é povoada por muitos cripto-judeus).

«...podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem que o que nós fazemos a nós outros mesmos. Os danos da terra fraca, porque está em nosso poder sairmos dela, não os podemos sofrer; os da outra, que não está em nós vedarmo-los, sofremo-los como podemos.»

Foi Bernardim deitar-se «mas, depois de um pouco de sono, acordou ele, todo banhado em lágrimas, porque sonhara, chorando, que o levava dali, por força, a sombra que vira dantes».

Esta sombra a que se refere é a imagem do seu pai que desejava tê-lo na Itália.

E dali em diante resolveu Bernardim assentar vivenda com o Maioral do gado, que é o físico Mestre Fernando, de quem o Dr. Maximiano de Lemos, no seu comentário médico de o *Auto dos Físicos* de Gil Vicente (Porto, 1921) diz:

Mestre Fernando era cristão-novo e físico do Marquês de Vila Real, primo de D. Manuel e possivelmente filho de Mestre Isaque Romeiro e marido de Ana Dinis.

Aprendera muito tempo a física e morava em Lisboa. Em 1494 fora examinado pelo Dr. Mestre Rodrigo que lhe passara carta de licença, mas em 20 de Março de 1498 foi-lhe confirmada pelo Dr. Mestre António de Lucena, depois de o ter submetido a novo exame em que se mostrou «idóneo e pertencente para a dita ciência e arte de física». Poucos dias passados, a 11 de Maio, obteve análoga carta para exer-

cer a cirurgia, passado por Mestre Gil, físico e cirurgião-mor. D. Manuel deu-lhe as honras de cidadão de Lisboa e dispensou-o das fintas lançadas aos cristãos-novos e da obrigação de aposentadoria.

Era homem abastado e possuía no bairro de Lisboa, onde estivera a judiaria duas moradas de casas foreiras que pretendia vender para adquirir outras forras e isentas. Também obteve licença para o fazer por alvará de 6 de Abril do mesmo ano.

Por último, a 17 de Dezembro de 1507, alcançou carta em que é designado por doutor e mestre, em que se lhe concediam os privilégios, liberdades e mercês de que gozavam os físicos reais. Possível é que fosse o mesmo que em 1539 foi nomeado cirurgião do Hospital de Todos os Santos. A ser assim, faleceu em 1547.

Mestre Fernando foi principalmente ridicularizado por Gil Vicente no *Auto dos Físicos* por não saber latim; isto nada podia surpreender, porque aos cristãos novos que não sabiam latim era-lhes concedido que possuíssem livros hebraicos.

No *Auto dos Físicos*, Gil Vicente põe na boca de Mestre Fernando, que aconselha um doente:

«Nem lebre, nem coelho,  
Nem porco, nem cação,  
Congro, lampreia, tubarão,  
Não coma de meu conselho,  
Inda que estivesse bem são.»

Conselho este que é o cumprimento do determinado na Lei de Moisés, Levítico, capítulo 11.

(*Continua*).

N. da R. — Este trabalho sobre Bernardim Ribeiro (Isaac Ben Judah Abarbanel) não continuará a ser publicado no *HA-LAPID* porque se fará um livro sobre este assunto, ao qual falta ainda o seguinte:

— O resto da Exegese da Menina e Moça; exegese das eglogas de Bernardim e da egloga Aleixo de Sá de Miranda; notas biográficas do avô; notas biográficas do pai; e reconstituição da sua vida em Portugal e em Itália.

## CASAMENTO NA INGLATERRA

Na bela Sinagoga Luso-Hispânica de Landerdale Road w, no dia 16 de Dezembro realizou-se o casamento do Sr. Cyril Goodman, filho mais novo do Sr. Paul Goodman, com a Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Sabel, filha única do falecido Sr. Percy P. Sabel. Foram officiantes o Rabi-mor, Rabi Dr. S. Gaon e o Rev.<sup>o</sup> E. Abinun.

A noiva foi conduzida ao docel nupcial pelo braço de seu tio o Sr. James Adler e serviram de damas de honor as meninas Judith e Marilyn Webber e Sheila Adler. Foi padrinho o Sr. Louis A. Whith. Houve uma recepção em May Fair Hotel.

Extratamos esta notícia do *Times* (17 de Dezembro de 1948). O *Evening News*, do mesmo dia, publica um retrato da gentil noiva com o seu cerimonioso vestido e as suas flores.

*The Jewish Chronicle*, de 31-12-948, publica sobre este acontecimento a seguinte interessante notícia:

### SEFARDI PRECEDENT

The marriage of Mr. Cyril J. Goodman, the younger son of Mr. and Mrs. Paul Goodman, to Dr. Ruth Sabel, at the Spanish and Portuguese Synagogue, Lauderdale Road, W.9, had an unusual feature in the participation, which I believe to be unprecedented, of the Chief Rabbi (an Ashkenazi) in a Sefardi marriage service. It appears that when the authorities of that congregation learned that the Chief Rabbi would attend with Mrs. Brodie, they invited him to preach. In accepting, the Chief Rabbi paid the Sefardi Community the compliment of selecting a verse from Obadiah, out of the Sefardi Haftarah for that week, instead of the Ashkenazi Haftarah from Hosea. Presumably in view of the Zionist background of the bridegroom and his parents, the Chief Rabbi stressed the verse, "but in the Mount of Zion there shall be those that escape, and it shall be holly; and the house of Jacob shall possess their possessions".

Ao nosso bom amigo e digno Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Porto, Sr. Paul Goodman e aos noivos desejamos muitos parabéns, Mazal Tob, Bésiman Tob.

## UM PORTUGUÊS QUE TENTOU A COLONIZAÇÃO JUDAICA DA PALESTINA E A CRIAÇÃO DE UM ESTADO JUDAICO

*José Nassi — príncipe e grande em Israel, o Duque e Senhor D. José Nassi — conhecido originariamente como João Miguez, ocupa na pré-história do sionismo uma posição única. Foi ele, talvez o primeiro homem, daqueles tempos, que tentou a restauração duma Palestina Judaica, debaixo do ponto de vista prático e não utópico.*

José Nassi, nasceu em Lisboa e, era sobrinho de Francisco Mendes Nassi — «membro duma das mais ricas e importantes famílias de maranos portugueses». Após a morte de Francisco Mendes Nassi, sua mulher D. Gracia, também conhecida por Beatriz de Luna, não se sentindo segura em Portugal, onde a introdução da inquisição punha em perigo a sua vida e propriedades, transferiu sua residência para Antuérpia, onde vivia seu cunhado Diogo Mendes, opulentíssimo director da Casa Bancária, sucursal da de Lisboa, que tinha sido de Francisco Mendes, agora transferida totalmente para Antuérpia; de Antuérpia mudou para Veneza, por volta de 1549. Aí sofreu perseguições por motivos religiosos, das quais se viu livre em 1550, indo viver para a Turquia onde faleceu.

José Nassi, que por motivos idênticos aos de sua tia, abandonara também o solo pátrio, depois de diversas peregrinações aventurosas, estabelece-se em Constantinopla. Uma vez ali, desfez-se do seu aparente catolicismo e desposou sua prima Reina, a única filha do opulento banqueiro Francisco Mendes e de sua mulher Gracia Nassi.

Pela sua riqueza e habilidades, José Nassi, conseguiu as boas graças da corte do sultão Solimão, de modo que por muito tempo foi o chefe virtual do Império Otomano. Esta Influência cresceu mesmo no reinado do seu sucessor Salim II, que o investiu na dignidade de Duque de Naxos e na posse daquela ilha bem como das de Adros, Milo, Paros, Santorinas e as outras

Ciclades que tinham até então pertencido ao regente de Naxos. José Nassi governou estas ilhas por intermédio dum cristão espanhol, provavelmente para evitar, alguma antipatia dos habitantes gregos.

Agia, também, como conselheiro estrangeiro reconhecido pelo poderoso sultão e, tratava com os embaixadores das potências representadas em Constantinopla. Daf, os países europeus acharem, frequentemente, necessário interessar José Nassi nas suas pretensões. Quando Maximiliano II, imperador da Alemanha, desejou concluir a paz com a Turquia em 1567, recomendou ao seu embaixador, Varantius, que oferecesse presentes a José Nassi, assim como aos outros altos dignatários da corte.

Em Setembro de 1596, um grande incêndio irrompeu no arsenal de Veneza. Nassi sabedor do facto, logo instou com o Sultão a empreender uma guerra com Veneza, para assim levar por diante o seu plano, por muito tempo acariciado, da conquista de Chipre, e foi somente a oposição dos seus rivais na corte turca que impediu fosse ele elevado à dignidade de rei daquela ilha.

Talvez não houvesse entre os séculos XI e XIX, judeu algum que alcançasse o poderio do Duque de Naxos, mas contudo, no meio dessa prosperidade não abandonou nunca o seu povo. Três séculos antes do nascimento do sionismo, além da preocupação política, o Duque de Naxos teve a ideia de melhorar a vida dos judeus perseguidos permitindo-lhe retomar contacto com o solo de Eretz Israel (Terra de Israel). Ali se propunha estabelecer as bases dum Estado Judaico semi-autónomo, debaixo da sua própria direcção. Joseph Ben Adreth, um dos seus confidentes, foi enviado a Tibérias, para proceder à restauração das muralhas. Apesar da oposição dos árabes da vizinhança, as muralhas estavam terminadas em 1565.

Pelo mesmo tempo publicou uma pro-

# Y O M K I P P U R

O dia de *Yom Kippur* que significa *Dia da Expição*, é a maior solenidade do mundo judaico.

É o décimo dia do mês de Thischry.

Desde uma hora antes do pôr do Sol, isto é, da véspera, até 35 minutos depois de pôr o Sol do grande dia, todo o israelita tem o dever de se consagrar integralmente a *Deus*, reflectindo e meditando escrupulosamente a sua consciência e, examinando a conduta passada, confessando-se ao Todo Poderoso, rogando perdão para suas culpas.

«O décimo dia, é o dia da Expição, será para ti uma solenidade santa, jejuarás, não executarás trabalho algum nesse dia estabelecido para expiars os teus pecados perante o Eterno vosso Deus. Portanto, não farás trabalho algum: é uma Lei Perpétua para as tuas gerações, e, em todas as tuas moradas. Será para ti de repouso absoluto, jejuarás, e santificarás esse dia, desde 9 à noite até a hora crepuscular do dia 10. Levítico, 23, 27, 32.»

Durante a existência do Templo em Jerusalém, esta solenidade era celebrada com pompa excepcional.

O *Sumo Pontífice* oficiava ele próprio (Levítico, 16). Neste dia unicamente, é que penetrava no Templo onde se achava a Arca da Aliança e ali confessava os pecados do povo.

«Eis o jejum que eu amo, quebrai os laços da iniquidade, rompei a faixa da injustiça, dai liberdade aos oprimidos; arrancai de todo, o jugo opressor; ofereci do vosso pão, àqueles que necessitam; abride asilos aos pobres e infelizes abandonados; dai do vosso amparo o amparo para órfãos e viúvas; se virdes um desnudo ou esfarrapado, vesti-o. Jamais fecheis os vossos olhos aos sofrimentos do vosso próximo.» Assim, quando toda a humanidade compreender a fraterna comunhão dos povos da terra; então, a *Paz* surgirá, como a luz brilhante, que separou a claridade, das trevas; e nova aurora despontará no destino do mundo e a cura se operará rapidamente, milagrosamente, porque a justiça caminhará à vossa frente e todos os homens cantarão hinos de Glória ao Eterno, Senhor, Todo Poderoso, Criador dos Céus, e da terra, e assim será para todo o sempre. (Isaías, 58, 6, 8).

*Yom Kippur*, em qualquer parte do

clamação aos judeus, dizendo-lhes que todos os que se vissem perseguidos encontrariam asilo e trabalho como agricultores ou artistas na nova comunidade judia. O seu convite foi sobretudo dirigido aos judeus dos estados do Papa, que estavam sendo perseguidos por Paulo IV e que eram transportados nos navios do Duque de Naxos.

Existiu na Itália, dentro dos limites dos Estados Papais de então, um povo chamado Cori. Naquela época vivia ali uma comunidade judia de duzentas almas. Quando persentiram que se acercavam tempos piores e vendo em Tiberíades um ponto para chegar a Sion, decidiram emigrar em massa e enviaram emissários para pedir aos seus correligionários dinheiro para as despesas de viagem. O êxodo para esta nova Tiberíades aumentou quando Pio V lançou a célebre bula de 26 de Fevereiro de 1569

expulsando os judeus dos Estados da Igreja. Por este motivo a comunidade de Pesaro mandou igualmente um navio a Veneza com cento e dois emigrantes judeus, mas caíram nas mãos dos piratas maltezes, que os fizeram escravos. Nesta angústia os pesarianos mandaram pedir auxílio a Nassi, mas ignora-se qual fosse o resultado do pedido.

Deste experimento Eretz-Israelita de Nassi, se verifica que as suas concepções eram muito avançadas para a sua época, pois existiam enormes dificuldades a vencer. Contudo Nassi não abandonou a esperança e prosseguiu, pondo todo o seu empenho nesta empresa até à morte, todavia a estupidéz e a crueldade humana da época não permitiram que levasse a cabo o seu intento.

AMÍLCAR PAULO.

globo onde se encontre um filho de Israel, é sempre celebrado.

Não importa que esteja, na abastança ou na miséria, nos campos de concentração ou nas fileiras dos exércitos, onde ao lado das Nações Unidas, fez derramar o seu generoso sangue sob escudo de David; para defender a humanidade das hostes sanguinárias do maior desequilibrado de todos os tempos — Adolph Hitler — que fragorosamente caiu, levando o povo da Alemanha, ao estado de miséria em que se encontra.

Israel, sub-existirá a todo o tormento, com os olhos fitos nos Céus e o pensamento em Deus, suplicará neste dia, tranquilidade para os milhares de seus irmãos de Fé que ainda sofrem na Europa, nos campos de concentração, jogados outros a tormenta e a fúria das vagas encapeladas dos oceanos, em navios do léu, nos mares do Oriente, àqueles que lutam no próprio solo de seus antepassados, pelo direito de viver, pelo direito humano, na conquista ou na constituição de um lar pátrio, onde possam sob a luz do Sol ter direito à vida e à alegria de viver, conjugando e cooperando com os demais povos, livres da terra, pelo bem comum e pelo bem-estar de toda a humanidade.

Ajoelhado e penitente, genuflexo e humilde, sem tomar alimento algum, rogará ainda, pelo progresso e felicidade da Nação, em cuja sombra se encontram, abençoando ainda aos seus chefes e respectivos governos, aos seus auxiliares imediatos e seus povos soberanos, a todos os países enfim que colaboram e têm colaborado pela liberdade de consciência, e pela verdadeira Democracia.

E, Deus, ouvindo a tríplice confissão, e o desejo da purificação da vida por uma confissão de fé, proclamada solene perante o altar da consciência, jamais esquecerá de atender as súplicas de um povo oprimido que somente reclama dos homens justiça.

DAVID J. ISRAEL,

## Publicações recebidas

*The Gates of Zion* (As portas de Sion)  
— Revista trimestral do Conselho da Sinagoga Central da Federação Sionista da

Grã-Bretanha e Irlanda. Números de Setembro 1946 e de Julho 1947; contêm artigos de Paul Goodman.

O n.º 4 (Julho de 1948) traz um retrato paginal de Paul Goodman, igual ao que existe na *Sala Paul Goodman*, na Sinagoga Kadorie Mekor Haim, do Porto.

*Etudes Israéliennes* — Edição do Keren Hayessod, Jerusalém — Janeiro e Fevereiro de 1949.

*Les Cahiers Séfardis* (Recueil documentaire-historique, retrospectif-d'actualité) — Directeur: Sam Levy — 185, Boulevard Bineau—Neuilly-sur-seine. (1.º e 2.º fascículos — 5 de Novembro de 1946; 3.º e 4.º fascículos — 7 de Janeiro de 1947).



## BERITH MILAH

(CIRCUNCISÃO)

Na Rua Ferreira Cardoso n.º 139 da cidade do Porto no dia 7 de Março (6 de Adar 5709), residência de seus avós maternos Sr. Srul e D. Matla Finkelstein, foi circuncidado o menino Isafas Cymerman, nascido a 28 de Fevereiro (29 de Shebat 5709, filho do Sr. Paltiel Cymerman e D. Renia Finkelstein Cymerman, neto paterno do Sr. Mejer Szmul Cymerman e de D. Raquel Cymerman. Foram padrinhos o Sr. Jeshuah Cymerman e D. Raquel Cymerman. Foi mohel (circuncisador) o Sr. Dr. Elias Baruel, médico, digno Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e oficiante o Rev.º Mendel Dizendruck, da Sinagoga principal de Lisboa, que vieram ao Porto expressamente para este acto religioso.

Após este acto litúrgico houve uma reunião, onde vários amigos das famílias do gentil menino falaram desejando boa sorte e felicidades tanto ao pequenino israelita como a seus pais e avós.

*Ha-Lapid* também deseja:

Mazal-Tob — Besiman-Tob.